

JORNAL: O Globo LOCAL: Quomabara

DATA: 22/01/1962 AUTOR: Vera Pacheco Jordão

TÍTULO: Retrospecto da VI Bienal de São Paulo - IV

ASSUNTO: Crítica a insignificância do prêmio
dado ao Ivan (VI Bienal)

O GLOBO ☆ 22-1-62 ☆ Pagina 12

Coluna de ARTES PLÁSTICAS

• VERA PACHECO JORDÃO •

Retrospecto da VI Bienal de São Paulo - IV

EM CRÔNICAS anteriores comentamos a mostra de arquitetura, as salas especiais da VI Bienal, e a representação estrangeira. Veremos hoje a contribuição nacional, terminando este retrospecto, que não abrangerá os setores de teatro e livro por se acharem fora do âmbito desta coluna.

Os organizadores desta Bienal, em comemoração ao décimo aniversário da instituição, decidiram declarar isentos de júri de seleção os artistas que tivessem obtido qualquer prêmio nas bienais anteriores. Marcamos, de início, esse fato, por ser fundamental para a apreciação da contribuição brasileira que, logo à primeira vista, impressionava pela quantidade e variedade de péssimos trabalhos ali apresentados. Consultando o catálogo, verificando que, na grande maioria dos casos, tratava-se de "isentos de júri", o visitante punha-se a cismar sobre a significação das premiações que haviam valorizado artificialmente tais mediocridades (para não dizer pior), e não conseguia justificar a falsa generosidade que, franqueando o ingresso aos premiados, introduzira na Bienal o vício fundamental dos salões oficiais.

Nesta Bienal a isenção de júri se estendeu a exatamente 50% dos pintores e escultores, 40% dos desenhistas, e cerca de 18% dos gravadores. Ao mesmo tempo, o júri de seleção — presidido pelo Sr. Mário Pedrosa, autor da brilhante idéia da isenção de júri — excedia-se em rigores inexplicáveis: entre outras façanhas, reduziu de 8 para 3 a apresentação de gravuras de Edith Behring, suprimiu trabalhos do desenhista Zaluar, e recusou em bloco os desenhos de Helena Maria Beltrão de Barros.

Tornou-se assim ainda mais flagrante a preponderância dos "isentos" que, mesmo quando péssimos, exibiam o número máximo de trabalhos, atravancando o já insuficiente espaço, dividido como labirinto, no qual se acumulava a representação nacional. O resultado foi a deturpação dos propósitos da Bienal, pois que os verdadeiros artistas sentiam-se prejudicados, e o público confundido pela promoção de falsos valores.

Essa deturpação de propósitos leva-nos, necessariamente, a considerar sua forma mais grave: a premiação. Não repetirei aquilo que já disse quanto ao júri de premiação, no qual, pela primeira vez, figurou um único membro brasileiro — o secretário-geral da Bienal, Sr. Mário Pedrosa —, nem insistirei sobre o notório favoritismo que tem norteado sempre seu critério, e que desta vez se manifestou ainda mais evidentemente.

Só por esse favoritismo se explica tenha sido atribuído o Prêmio para Melhor Escultor Nacional a Lygia Clark — que, transpondo para o metal o jogo infantil das dobraduras de papel, não se revelou escultora, mas perita naquilo que Dom Miguel de Unamuno (nas horas vagas, grande artista em dobraduras), denominou jocosamente "A Cocotologia"; o prêmio para Melhor Desenhista ao insignificante trabalho de Anatol Wladislaw que, em sua espontaneidade, não chega a ser dinâmico, mas apenas nervoso; o prêmio para Melhor Gravador a Isabel Pons, que tem qualidades, e faria jus a um prêmio de aquisição, mas nunca ao prêmio máximo quando a seu lado se apresentava Edith Behring, Roberto de Lamônica, João Chaves, Gilvan Samico, e quanto a Ana Letycia foi atribuído o mais modesto dos prêmios de aquisição.

Também desconcertante foi a concessão simultânea dos prêmios Probel (de Cr\$ 200.000,00) e MAM a Sheila Brannigan, cuja pintura examinei detidamente, procurando descobrir-lhe as qualidades, mas não encontrei senão a exploração mal realizada dos recursos banais do trabalho de espátula e choque de cores. Entretanto, ao lado desses quadros estavam os de Ivan Serpa, de concepção original, admiravelmente executados na difícil técnica que é a têmpera, que não obtiveram senão um prêmio relativamente insignificante.

Quanto à concessão do Prêmio Ricardo Xavier da Silveira a Fernando Jackson Ribeiro — por suas montagens de pedras e peças de máquina em figuras que não chegam a ser humorísticas porque demasiado óbvias — parece ter havido realmente a intenção de desmoralizar a arte da escultura. Nesse caminho só faltava premiar o incrível Caciporé Torres, cujas peças de escultura e pintura (5 de cada...) foram o mais calamitoso exemplo de quanto pode um "isento de júri".

Vejamos, porém, ainda que rapidamente, o aspecto positivo da representação brasileira. A gravura — que é, atualmente, o setor mais forte da arte nacional — teve a melhor contribuição, apresentando, além dos valores de primeira plana, que mencionei acima, artistas de categoria como Sêrvulo Esmeraldo, Margarita Carrió, José Lima, Farnese Andrade, Martha Zelt de Millan, Vera Mindlin, Hermano Guedes, Dorothy Bastos.

No setor desenho destaquei, acima de todos, os trabalhos de Darel; em seguida os de Renina Katz (embora suas paisagens pareçam-me superiores a esta atual fase de evolução para o abstracionismo), Maria Helena Andrés, Zaluar, José Cláudio da Silva, Acácio Assunção, Luigi Zanotto.

Notei também os finíssimos desenhos de Maria Luisa Leão Litzek, estreada na Bienal, que parece discípula de Jacques Villon, e, no extremo oposto, os nanquins românticos (mais pintura que desenho) de Maria Cecília Gismondi. As composições com botões, de Estela Campos, dificilmente se enquadram na categoria "desenho", mas têm originalidade, e são bem realizadas, embora num estilo decorativo reminiscente do "Ballet Russe" de 1912.

A mais fraca das seções foi a de escultura, a meu ver so se destacando Giuliano Vangi e Amílcar de Castro, embora esse último pecasse por excesso de austeridade em sua extrema concisão de formas.

Quanto ao setor de pintura, com grande pesar devo dizer que me decepcionou, pois raras eram as obras que se impunham, a par da invasão de mediocres repetições de fórmulas, e muitas tentativas de originalidade caindo em plena extravagância.

Contribuiu para essa decepção o fato de alguns dos nossos melhores pintores não se terem apresentado à altura de suas obras anteriores, como se estivessem em busca de renovação sem terem ainda dominado as soluções. Ao dizer isso penso em Manabu Mabe, Maria Leontina, Teresa Nicolao, Antônio Bandeira, Arcângelo Ianelli, Yolanda Mohalyi, Aloísio Magalhães.

Por outro lado, Fukushima atingiu um nível que até agora não conseguira, e Tomie Ohtake afirmou ainda mais decididamente seu valor, em obras magnificamente realizadas. Pareceu-me interessante a pintura de Paulo Chaves por seu equilíbrio dentro de um caráter original, mas não é possível julgar um artista por duas obras apenas. Ivan Freitas, que acredito ser um dos jovens de maiores possibilidades, apresentou dois trabalhos manerosos, que não dão a medida de seu valor. Excelente, em seu gênero, a obra de Hermelindo Fiaminghi, admirável como realização técnica.

E, para terminar, felicitações a Iberê Camargo —, que obteve o Prêmio para Melhor Pintor Nacional — artista inquieto e pesquisador incansável que, em sua atual austeridade, apesar do voluntário despojamento de forma e cor, revela a mais vibrante sensibilidade e completo domínio dos recursos pictóricos.

Inauguração no MAM

Comemorando o décimo aniversário de sua fundação, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro apresentará, a partir do próximo dia 25, algumas das mais importantes mostras estrangeiras que figuraram na VI Bienal de São Paulo:

ALEMANHA — Julius Bissier (Pintura — Prêmio Decenal).

GRÁ-BRETANHA — William Scott (Pintura — Prêmio Sombra), Lynn Chadwick (Escultura — Prêmio da Bienal de Veneza), Merlyn Evans (Gravura).

JAPÃO — Yoshishige Saito (Prêmio Melhor Pintor Estrangeiro), e toda a representação japonesa incluindo a sala especial de caligrafia.

Chamamos a atenção dos leitores para o fato de que, excepcionalmente, a inauguração dessas exposições será às 21 horas, na próxima quinta-feira.